

[Home](#) » [Cultura](#)

De Bento XVI a Francisco

Publicado por [admin](#) - Wednesday, 27 March 2013



ENSAIO

No texto a seguir, pesquisadores da ECA comentam os reflexos da renúncia de Joseph Ratzinger sobre o pontificado do novo papa, em especial no que se refere à comunicação

LUCILENE CURY E EDUARDO FIORA

Especial para o Jornal da USP

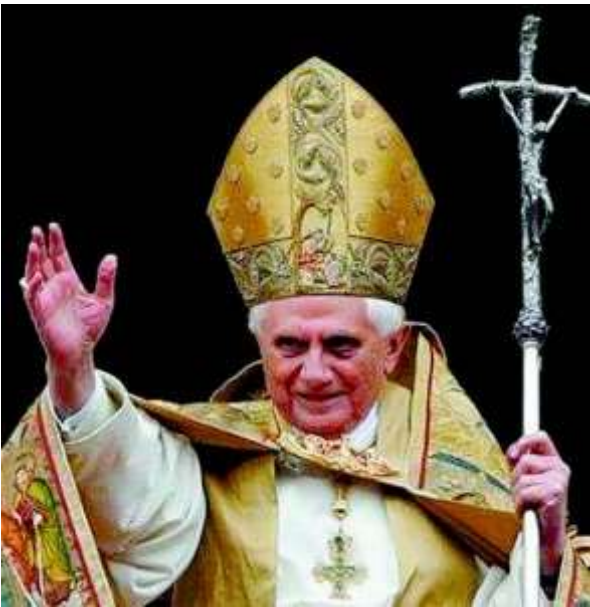
Desde a eleição de Bento XVI passaram-se praticamente oito anos, tempo em que este artigo ficou “congelado”, numa espécie de memória virtual, como se estivesse esperando por um desfecho. A notícia da renúncia do papa Bento XVI, no dia 11 de fevereiro, levou-nos imediatamente a procurar o texto inacabado para dar-lhe o final necessário, quase como a história do papado inacabado de Joseph Ratzinger, membro de várias academias científicas e professor de teologia, que escrevia artigos dialogando com o teórico da ação comunicativa, Jürgen Habermas, um dos principais expoentes da Escola de Frankfurt e referência para todos os estudiosos da comunicação.

A perspectiva, naquele momento, era a de avaliar a eleição do então novo papa – fato de repercussão global –, inserindo-a em dois diferentes contextos: o da comunicação e o da religião, sem deixar de lado a comparação inevitável com seu antecessor, o polonês João Paulo II, que mostrou ao mundo, além do carisma e da facilidade de comunicação (proveniente talvez, do seu passado de ator), todo o sofrimento e fraqueza advindos da doença que o acometeu nos anos finais do seu pontificado.

Temos então, por um lado, o professor e estudioso brilhante, o competente autor de textos profundos; e, de outro, o dirigente da Igreja Católica (com 1,2 bilhão de fiéis), o administrador do poderoso império do Vaticano. O que queremos pincelar nesta primeira reflexão é: até que ponto sua vocação seria mesmo a de governar o Estado do Vaticano, comandar a Igreja Católica, com todas as facetas que tal cargo exige, como mostram os bastidores repletos de escândalos de toda ordem?

Seguramente, sua inteligência foi um fator decisivo para a renúncia, por levá-lo a perceber as dificuldades em exercer o cargo até o final, motivado por fraqueza física – como ele justificou em discurso pronunciado em latim: “No mundo de hoje (...) é necessário vigor, tanto do corpo como do espírito, vigor que nos últimos meses diminuiu de tal modo em mim” –, além de tantas outras causas, que, agora, mais do que nunca, vão se expondo exaustivamente a cada dia, desde o anúncio público da sua decisão.

Assim, seguimos com nossas reflexões e questionamentos sobre o fato, sobre suas motivações veiculadas pela imprensa do mundo todo, bem como sobre os possíveis desdobramentos no caminhar futuro da Igreja Católica.



Informação digital – Com a mídia global centrado as análises da corajosa decisão de Bento XVI basicamente no campo da rede dentro do Vaticano, não sobra muito espaço para um questionamento adequado à inquietação pulsante dos tempos atuais: qual o peso da veiculação da notícia e da opinião pública na era da informação digital, no processo que levou o papa a renunciar?

Um ponto de partida para responder a tais indagações pode ser encontrado no pontificado de Paulo VI. Em 1964, ainda no contexto do Concílio Vaticano II, que posicionava a Igreja Católica diante do mundo moderno, Paulo VI estabelecia, por decreto, a instituição do Dia Mundial das Comunicações Sociais, que seria celebrado pela primeira vez em 7 de maio de 1967.

No texto em comemoração ao 2º Dia Mundial das Comunicações Sociais, Paulo VI colocava em destaque a tecnologia da informação disponível em seu tempo, ressaltando que “os ecos da imprensa, do cinema, do rádio e da televisão” abrem para a humanidade novos horizontes e a colocam “em sintonia com a vida do Universo”.

Na defesa de seus preceitos litúrgicos, humanos, sociais e dogmáticos, a Igreja, na fase anterior ao advento da internet, sentia-se relativamente protegida, dado o alcance reduzido dos meios de comunicação de massa.

Em 1967, Paulo VI publicava a encíclica *Sacerdotalis caelibatus* (O celibato sacerdotal). Ao falar sobre vida sacerdotal, o papa fazia um apelo a todos os sacerdotes, conclamando-os a “se sentirem vivamente responsáveis pelos colegas perturbados por dificuldades que vão expor a sérios perigos o dom divino que possuem”. Se algum teólogo ou jornalista daquele tempo quisesse desenvolver artigo ou matéria associando padres perturbados por dificuldades à prática da pedofilia, ele se depararia com o reduzido alcance midiático da abordagem. Basta lembrar que a referida encíclica foi publicada em 24 de junho de 1967, um dia antes de a rede britânica BBC exibir o primeiro evento em transmissão via satélite. Naquela data, 26 países assistiam, simultaneamente, ao grupo Beatles cantar *All you need is love*.

Mais de quatro décadas e muitos avanços tecnológicos depois, Bento XVI, nos últimos três anos de seu pontificado, teve de lidar com a questão da pedofilia no contexto da notícia e opinião disseminadas em tempo real por emissoras de rádio, TVs locais e a cabo (com alcance mundial), em sites noticiosos e redes sociais como o Facebook e o Twitter.

A inclusão das palavras *pedophilia* e *church* no Google revela um número gigantesco de resultados: 6.100.000. Nesse leque de registros sobre casos de pedofilia na *Sancta Romana Ecclesia* misturam-se ataques à Igreja Católica, artigos em que o clero e a cúria defendem-se das notícias sobre casos comprovados de padres pedófilos e realizam análises sobre tais fatos. E tem sido assim em relação a outros temas sobre os quais a Igreja tenta manter sua ortodoxia: proibição do uso de anticoncepcionais, legalização do aborto e outras questões importantes do mundo atual, vertiginosamente rápido.

Parece sensato supor que o cansaço a que Bento XVI se referia ao justificar sua decisão em renunciar à Cátedra de São Pedro tem, sim, algo a ver com esse verdadeiro bombardeio virtual que cai, a todo instante,

não só sobre o Vaticano, mas também nas cabeças das dioceses e paróquias espalhadas pelos cinco continentes.

A Igreja, no pontificado do sucessor de Bento XVI, terá de saber como lidar com a informação na era da internet e redes sociais, tema, aliás, escolhido como reflexão para o Dia Mundial das Comunicações Sociais em 2013. Mais do que encontrar o modo certo de se apropriar da internet e das redes sociais, o novo papa terá de evitar a queda do rei e, dialeticamente, reinterpretar McLuhan, pois, mais do que nunca, o “nosso é *o mundo novo do tudo-agora*. O tempo *cessou*, o espaço *desapareceu*”. A aldeia global do ciberespaço colocou o pontificado de Bento XVI em xeque. Caberá ao seu sucessor evitar a queda do rei.

Sucessão – Finalizamos destacando o perfil de Bento XVI, o Papa Emérito, e sua atuação nos eventos polêmicos que a Igreja Católica tem enfrentado nos tempos atuais, carregados de escândalos amplamente divulgados no ciberespaço, ao mesmo tempo cobertos pelo sigilo e pelos dogmas inerentes à religião, que trazem, como nos contos policiais, a presença do mordomo, auxiliar direto de Bento XVI, entregando ao público documentos particulares e outros.

Na linha de sucessão entra um novo papa, com características latino-americanas, que tem o nome de Francisco. A ele caberá, então, a responsabilidade quanto aos desdobramentos futuros dessa decisão histórica da renúncia do papa Bento XVI.

Será ele voltado às exigências das novas formas de viver do mundo globalizado? Mais que isso, a pergunta é: os respingos da renúncia de Bento XVI podem alterar o posicionamento da Igreja Católica?

Lucilene Cury é professora da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP e líder do Grupo de Pesquisa CNPq – Cibernética Pedagógica – Laboratório de Linguagens Digitais.

Eduardo Fiora é jornalista e atua com a professora Lucilene Cury na disciplina Comunicação Comparada do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.